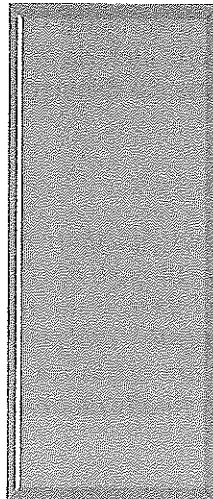


Alexandre Blaitt (Uniso)

Conceitos, funções e engajamento literários



RESUMO

Os conceitos, funções e definições da literatura, bem como as idéias sobre a arte engajada são vistas aqui em breves recortes. Contudo, não foi desprezada a perspectiva histórica que as determinou, principalmente ao longo dos séculos XIX e XX. A investigação e tomada de posição de intelectuais e escritores acerca da matéria literária fazem-se necessárias à medida que se percebe uma certa dificuldade em distinguir o que é, afinal, literatura e suas imbricações sociais.

ABSTRACT

Literature concepts, functions and definition as well as ideas about engaged art are reviewed here through brief excerpts. Although, the historical perspective that has determined them is not neglected, especially throughout XIX and XX centuries. The investigation and position taking of intellectuals and writers about the literary matter are needed as long as it is noticed a certain difficulty in distinguishing what finally literature and its social imbrications are.

Palavras-chaves: literatura, linguagem, sociedade, arte.

De modo geral, a literatura tem suscitado, no decurso da história, diversas teorias. Dado seu caráter subjetivo e plurissignificativo, as teorias existentes dialogam com diversas correntes lingüísticas, filosóficas, sociológicas, históricas, políticas, entre outras. Essas interpretações possuem valores e critérios próprios e, em comum, trazem a incessante busca pela compreensão do ofício de escrever. Daí a pergunta: o que se entende por literatura e, afinal, a que ela atende?

Mesmo sabendo que a natureza e a função da literatura são correlativas – como nos alertam os teóricos René Wellek e Austin Warren¹ – é necessário tratá-las em dois movimentos: a exposição de alguns conceitos literários e as discussões sobre as funções literárias, mais especificamente, da literatura engajada.

Um desses conceitos certamente passa pela distinção entre *fato* e *ficção*. Enquanto a escrita da história, da filosofia, das ciências naturais e matemáticas estaria na esfera do “fato”, despossuída de imaginação e criação, seria considerada literatura a escrita que atuasse no campo da ficção e do imaginário. Entretanto, tal abordagem parece perder seu crédito, uma vez que a própria distinção entre textos factuais e ficcionais é bastante questionável, como destaca o teórico inglês Terry Eagleton:

No inglês de fins de século XVI e princípios do século XVII, a palavra ‘novel’ foi usada, ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios, sendo que até mesmo as notícias de jornal dificilmente poderiam ser consideradas factuais²

Outro conceito sobre a natureza da literatura opõe a *linguagem comum* à *linguagem elaborada*. As *belles lettres* criavam o “estranhamento” necessário para o texto ser considerado literário, diferenciando-se da linguagem comum, que seria aquela de uso cotidiano. Os formalistas começaram por qualificar a obra literária como uma reunião mais ou menos arbitrária de “artifícios”, passando a vê-los, depois, como elementos relacionados entre si: “‘funções’ dentro de um sistema textual global”³. Assim, a obra literária perdia o caráter de reflexão da realidade social, considerada apenas pelo

¹ WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa-América. (Biblioteca Universitária), 1962-71 p. 35.

² EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 2.

³ *Ibidem*, p. 4.

seu aspecto formal e analisada como uma instrumentação material, com leis específicas e mecanismos próprios.

A especificidade da linguagem literária, aquilo que se distinguiu de outras formas de discurso, era o fato de ela “deformar” a linguagem comum de várias maneiras. Sob a pressão dos artificios literários, a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida. Era uma linguagem que se “tornara estranha” e, graças a este estranhamento, todo o cotidiano transformava-se, subitamente, em algo não-familiar. [...] Os formalistas, portanto, consideravam a linguagem literária como um conjunto de desvios da norma, uma espécie de violência lingüística: a literatura é uma forma “especial” de linguagem, em contraste com a linguagem “comum”, que usamos habitualmente.⁴

Uma terceira definição, ainda por Terry Eagleton, foi levantada no conceito de pragmatismo da linguagem. O texto seria considerado literário, quando seu discurso fosse “não pragmático” e, portanto, sem nenhuma finalidade prática imediata. O problema dessa definição, segundo o autor, estaria na distinção entre a maneira prática e não-prática de nos relacionarmos com a linguagem, o que obviamente dependeria da maneira como alguém resolvesse ler e não da natureza daquilo que é lido. Segundo essa teoria, a definição de literatura não passaria pela origem do texto, tampouco pela intenção do autor, mas, sim, pela interpretação dada por leitores especializados ou não.

Por último, Eagleton levanta a questão do julgamento de valor para conceituar o texto literário. Esses juízos de valores qualificariam, como um carimbo impresso, o que é literário e o que não é, segundo o conceito de “belo”, para o leitor. Essa definição encerraria uma série de problemas, por ser o “valor” um termo transitivo atrelado a situações específicas e à luz de determinados objetivos.

Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e o que não se considera – não necessariamente no sentido de que o estilo tem que ser “belo” para ser literário, mas sim de que tem de ser do tipo considerado belo; ele pode ser um exemplo menor de um modo geralmente considerado como valioso.⁵

⁴ Ibidem, p. 5.

⁵ idem, p. 11.

Sobre a utilidade e funções das obras literárias, podemos dizer que são inerentes ao ambiente histórico e cultural de uma determinada sociedade. Na Idade Média, por exemplo, herdeira das concepções greco-latinas, seriam um sacrilégio ou heresia, idéias como a “arte pela arte”. A função literária na medievalidade era subordinada “a um fim educativo, edificante, a serviço da salvação da alma dos fiéis”⁶. Além desse papel pedagógico, de instrução dos sentidos e da moral, havia também uma segunda função a ser desempenhada socialmente. As artes literárias expressariam o belo da vida, através da palavra.

Esse duplo papel da literatura foi abordado primeiramente por Horácio, criador dos conceitos *dulce* e *utile* da obra de arte. Pensar na obra literária apenas como divertimento (*dulce*) seria menosprezar a habilidade e o plano do artista; por outro lado, ao afirmarmos que a literatura é tão-somente um ofício (*utile*), estaremos abortando a sua alegria, o seu poder de entretenimento sobre o leitor. A forma mais apropriada para pensar a questão seria, segundo os teóricos Wellek e Warren, um jogo dialético entre essas oposições: “...quando uma obra literária exerce com êxito os dois fatores referidos – prazer e utilidade – devem não só coexistir, mas fundir-se”. Sobre esses conceitos dizem:

*O prazer da literatura não é apenas uma aparência entre uma lista de prazeres possíveis, mas sim um “prazer mais alto”, exatamente por se tratar de um prazer numa superior esfera de atividade, isto é, na contemplação não-aquisitiva. E, por outro lado, que a utilidade, a seriedade e o poder de instrução da literatura é uma seriedade aprazível, ou seja, não a seriedade de um dever que tem de ser cumprido ou de uma lição que tem de ser aprendida, mas uma seriedade estética, uma seriedade de percepção*⁷.

No campo específico da literatura engajada a utilidade se sobrepõe ao prazer, mas isso não significa que a prosa adquira níveis intransponíveis ou tediosos. Como diz Jean-Paul Sartre, “a prosa é utilitária por essência”; o escritor se serve da linguagem para expressar seu ideal estético, político, ideológico e social. Ao contrário do poeta, ele não faz uma pura contemplação das palavras, mas as usa sempre com a intenção de mudança, objetivando inflamar o coração da massa de leitores. A palavra, como uma munição potente e devastadora, tem de atingir esse objetivo e jamais servir

⁶ LEMINSKI, Paulo. *Anseios Crípticos*. Curitiba: Criar, 1986. p. 29.

⁷ WELLEK, René e WARREN, Austin. op. cit. p. 37.

como um mero artefato da beleza ou do prazer inócuo. Assim diria Sartre de um prosador engajado: “A cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir”⁸.

Diante do engajamento literário o escritor revela sua alma. Essa alma, uma vez exposta pela mensagem, está inteiramente comprometida com o desvendamento do mundo. A ação de desvendar aspectos da vida e dos homens através da palavra faz do escritor um agente de mudança. “O escritor engajado sabe que a palavra é ação. É legítimo, pois, propor-lhe essas questões: que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo com esse desvendamento?”⁹ Ao escritor engajado não é mais possível retratar a realidade social como uma pintura imparcial; ele se entrega de forma apaixonada a uma militância sem trégua por uma melhor condição humana.

O desejo de compartilhar, de comunicar, de trocar experiências vividas ou imaginárias faz com que o escritor-militante se aplique na tarefa da escrita. A inquietação cresce, e a sensação de que “algo precisa ser feito” aumenta. Quando a inquietação ganha vida na página branca é porque o escritor está em busca de ressonância para suas idéias. Sua linguagem torna-se, como afirma Sartre, um prolongamento de seus sentidos, que se esforça para alterar outros sentidos e vislumbrar novas realidades, posturas e decisões. Pois, como diz o pensador existencialista francês, “a função do escritor engajado é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”¹⁰. Há um misto de ingenuidade com mesianismo na tarefa do escritor. A criação de novas possibilidades de mundo e de relacionamentos entre homens nunca foi tarefa para sujeitos passivos diante dos costumes e da moral estabelecida. O rompimento dos acordos e das normas, como propõem os escritores engajados, é um sintoma, uma reação ao mundo que se nega a ser acolhedor.

Em *Notas sobre Literatura*, o filósofo alemão Theodor W. Adorno incrementa a polêmica discussão sobre a arte engajada. Para o representante da Escola de Frankfurt, o conceito de engajamento de Jean-Paul Sartre pode se deixar contaminar pelo tendencionismo. Alerta o filósofo:

⁸ SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989, p. 21.

⁹ *Ibidem.* p. 21.

¹⁰ SARTRE. *Ibidem.* p. 21.

Teoricamente ter-se-ia que distinguir engajamento de tendencionismo. A arte engajada no seu sentido conciso não intenta instituir medidas, atos legislativos, cerimônias práticas, como antigas obras tendenciosas contra a sífilis, o duelo, o parágrafo do aborto, ou as casas de educação correcional, mas esforça-se por uma atitude [...] A inovação artística do engajamento, porém, frente ao veredicto tendencioso, torna o conteúdo em favor do qual o artista se engaja, plurissignificativo, ambíguo.¹¹

Outra crítica de Adorno a Sartre é sobre a questão “por que escrever?”. Segundo o francês, o escritor é movido por uma “escolha profunda” que se agita em seu interior. Já para Adorno essa afirmação é uma falha do sistema sartreano, pois para a obra literária as motivações do autor são secundárias e suas intenções, subjetivas e irrelevantes.

A crítica adorniana ao teatro alemão de B. Brecht traz à cena o debate entre engajamento e doutrinação. A doutrinação, mesmo feita de forma didática, como pretendia Brecht, exigiria uma linguagem mais sofisticada, afastando-se do domínio popular. O rigor crítico de Adorno não tolera e reprova a tentativa do dramaturgo de se fazer passar por uma “voz” das vítimas das injustiças do mundo. Para o filósofo:

[...]ela [a doutrina] se trai tanto através de sinais de exagero como através da recorrência estilizante a caracteres de expressão antiquados e provincianos. [...] É usurpação e como que ironia para com as vítimas falar com elas como se fosse realmente uma delas. É permitido fazer-se qualquer papel, menos o do proletário. O que mais pesa contra o engajamento é que mesmo a intenção correta falseia quando é percebida e mais ainda quando justo por essa razão ela se mascara.¹²

Segundo Adorno, o favorecimento do engajamento diminui a importância da realidade política, minando os efeitos da obra. As críticas de Theodor Adorno alertam os defensores da arte engajada sobre a possibilidade de eles reproduzirem as mesmas injustiças e falseamentos que combatem. Em outras palavras, a arte engajada na vida pode vir a ser um instrumento de terror.

¹¹ ADORNO, Theodor W. *Notas sobre Literatura*. Trad. Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1965. p. 54.

¹² ADORNO. *Ibidem*. p. 63.

No momento em que, na literatura engajada, o assassinio generalizado (do povo) torna-se bem cultural, fica mais fácil colaborar-se com a cultura que fez nascer o assassinio. Quase infalível é uma característica dessa literatura: que ela propositalmente ou não, deixa perceber-se que mesmo nas chamadas situações extremas, e justamente nelas, floresce o humano; [...] No clima existencial acolhedor desfaz-se a diferença entre carrascos e vítimas, porque ambos são igualmente lançados na possibilidade do nada, que sem dúvida é geralmente mais apropriada aos carrascos.¹³

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Notas sobre literatura*. Trad. Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1965.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *A Educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1982.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LEMINSKI, Paulo. *Anseios crípticos*. Curitiba: Criar, 1986.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- WELLEK, René e WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa América, 1971 (Col. Biblioteca Universitária).

Endereço do autor:

Rua Camilo José Cury, 103 – Trujillo
18060-550 – Sorocaba, SP

¹³ ADORNO. *ibidem*. p. 65.